



PRODUTO PRÓPRIO

Colaborações entre artistas plásticos
e a indústria cerâmica da SECLA

08
JUN
A
08
OUT
2018

**Alice Jorge, António Quadros, Espiga Pinto,
Fernando da Ponte e Sousa, Ferreira da Silva, Hansi Staël,
Herculano Elias, Ian Hird, José Aurélio,
José Santa Bárbara, Júlio Pomar, Leonore Davis,
Maria Parâmos, Miria Câmara Leme**

Evento do 1º ano da licenciatura do curso de Programação e Produção Cultural, ESAD.CR

A presente exposição incide sobre as colaborações entre artistas e indústria cerâmica ensaiadas nas décadas de 1950 e 1960 nas Caldas da Rainha. Os exemplos apresentados reportam-se à SECLA, uma fábrica de faiança que esteve activa entre 1945 e 2008. Escolheu-se uma amostra representativa, mas não exaustiva, dos autores envolvidos nessas colaborações e dos trabalhos delas resultantes.

SECLA é a abreviatura de Sociedade de Exportação e Cerâmica Limitada. A empresa sucedeu em 1947 à Fábrica Mestre Francisco Elias, criada dois anos antes. Vocacionada para a exportação, a SECLA deu prioridade à inovação, tanto nos processos técnicos, como nos modelos de louça e respectiva decoração. Afastou-se da tipologia de produtos correntes na faiança das Caldas, de inspiração naturalista, respondendo aos novos gostos dos consumidores europeus e americanos e introduzindo o conceito de design na sua produção.

Nos primeiros tempos da SECLA, a direcção técnica e artística foi exercida por Alberto Pinto Ribeiro, fundador da empresa. A partir de 1954, essa função foi desempenhada por Hansi Staël, pintora de origem húngara. Entre 1959 e 1964, essa responsabilidade foi atribuída ao escultor José Aurélio. Sob a égide de todos eles, diversos artistas portugueses foram acolhidos na SECLA para realizarem experiências em cerâmica. Também procuraram a fábrica, neste período, jovens estrangeiros que pretendiam fazer estágios de aprendizagem em fábricas de cerâmica após a conclusão dos seus cursos artísticos.

Motivações distintas impulsionavam os trabalhos destes artistas, desde os que pretendiam exercitar a pintura e a decoração em produtos cerâmicos, aos que procuravam na plasticidade da pasta resposta aos seus projectos na escultura. Outros ainda era o design que os tentava. Destas experiências poderiam resultar peças únicas, peças susceptíveis de serem editadas em pequenas séries, e, até, modelos que entrassem na produção industrial.

Para a empresa, a esta presença de artistas ficava associado um fator de prestígio: era uma prática corrente nas fábricas que pretendiam ter a preferência entre o gosto moderno dos consumidores. Algumas das peças acabariam por ser vendidas, embora o aspeto da rentabilidade do investimento não fosse aqui dominante. Acreditava-se, por outro lado, que, na hipótese de algumas das propostas artísticas serem adaptáveis

à fabricação em série, este pudesse ser o caminho para vir a ter um produto próprio que individualizasse o seu catálogo em relação ao dos concorrentes.

A esta prática na SECLA deu-se o nome de Estúdio. O Estúdio não era propriamente um espaço dedicado, mas uma condição de acesso dos artistas em trabalho temporário aos saberes, equipamentos e apoios técnicos especializados na fábrica. Entre estes apoios, o mais importante foi o recurso ao saber de Picas do Valle, um oleiro rodista natural de Barcelos. Este conceito de Estúdio era tão amplo que nele couberam os próprios administradores da SECLA – Alberto Pinto Ribeiro e Fernando da Ponte e Sousa –, bem como os artistas contratados pela fábrica, os já referidos consultores Hansi Staël e José Aurélio, ou Ferreira da Silva e Herculano Elias. O Estúdio era afinal um laboratório criativo da SECLA, funcionando em paralelo com o circuito fabril, mas mantendo com ele articulações permanentes.

João B. Serra

Procurando ajustar-se ao pressuposto pedagógico, colaborativo e integrativo do objecto da sua investigação, a exposição PRODUTO PRÓPRIO escolheu apresentar as suas peças cerâmicas experimentais e laboratoriais, orgânicas e policromas, (seleccionadas a partir dos acervos dos museus da Câmara Municipal das Caldas da Rainha e de um colecionador e um artista da região) “com”, “em relação” e em “contraponto” com a estatuária modernista e oficial, austera e monocromática, de Barata Feyo. Nas décadas de 1950 e 1960, período a que reporta esta exposição, Barata Feyo fixara-se no Porto, leccionando na Escola Superior de Belas Artes do Porto e dirigindo o Museu Nacional de Soares dos Reis, e teria contacto com a produção da maioria dos artistas representados em PRODUTO PRÓPRIO por conta da sua acção como pedagogo e da sua participação em júris e comissões avaliativas de prémios e exposições colectivas oficiais de âmbito nacional. É esse contexto e esse diálogo interdisciplinar e intergeracional que justifica a proposição museográfica de que estes objectos cerâmicos se apresentem “por entre” as formulações iconográficas escultóricas e “através” da arquitectura do museu de Barata Feyo, numa tentativa ensaística de total “integração das artes”.

Lígia Afonso

Esta exposição foi concebida e organizada no âmbito da unidade curricular Oficina de Mediação Cultural II, do 1º ano da licenciatura em Programação e Produção Cultural da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Insere-se no Projecto de investigação “CP2S Cerâmica, património e produto sustentável – do ensino à indústria” (CENTRO-01-0145-FEDER-23517) e é abrangida pelo programa Molda 2018.

Artistas e obras expostas

Alice Jorge

Maria Alice da Silva Jorge (Lisboa, 1924 – 2008) foi uma pintora, gravadora e ceramista. A sua obra aproximou-se ao neorrealismo, evoluindo a partir dele para outras direcções. Colaborou na SECLA em 1955 e 1956 onde fez algumas experiências, predominando as decorações com engobes. Destacou-se pela coerência e dignidade com que se envolveu em grandes causas humanas e políticas e defendeu os valores da liberdade e da democracia. (Sofia Duarte)

1. Prato

1956

2,7x Ø 24,5 cm

Colecção António Cardoso

António Quadros

António Augusto de Melo Lucena e Quadros (Viseu, 1933 – Santiago de Besteiros, 1994) foi pintor, escritor e professor poeta. Estudou pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, de onde se transferiu, em 1952, para a Escola de Belas-Artes do Porto, na qual se licenciou em 1961 e passou a lecionar. Estudou Gravura e Pintura a Fresco na Escola de Belas-Artes e Paris com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian (1958/1959), e participou da V Bienal daquela cidade em 1959. A sua obra cruza o imaginário rural do norte de Portugal, e nomeadamente o tradicional da olaria de Barcelos, com as tendências pictóricas da vanguarda europeia e sul-americana da época. Trabalhou em pintura, cerâmica, escultura, cartaz e ilustração. Viveu em Moçambique a partir de 1964 e até 1984, onde se dedicou ainda ao teatro, à arquitectura e à poesia. (Francisco Almeida)

2. Garrafa / base de candeeiro

1958-59

33 x Ø 20 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2315

3. Prato

1961

Ø 25 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2313

4. Prato

1950-60

Ø 32 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2312

5. Prato

1959-65

Ø 25 cm

Colecção António Cardoso

Espiga Pinto

Artista plástico, José Manuel Espiga Pinto (Vila Viçosa, 1940 – 2014) repartiu a sua actividade por diversas áreas, nomeadamente a pintura, o desenho, a escultura, a medalhística e a cerâmica. Frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e expôs individual e colectivamente a partir de 1958. Segundo informações de António Cardoso, terá colaborado com a fábrica SECLA em meados de 1969. (Ana Laura Costa)

6. Prato

1969

Ø 37 cm

Colecção António Cardoso

7. Prato

1969

Ø 25 cm

Colecção António Cardoso

8. Prato

1969

Ø 25 cm

Colecção António Cardoso

Fernando da Ponte e Sousa

Fernando da Ponte e Sousa nasceu em 1902 e faleceu em 1990. Foi um dos sócios fundadores da SECLA em 1947, para onde concebeu serviços de produção corrente e peças escultóricas de edição limitada. Em meados da década de 1950 a fábrica produziu um conjunto de figuras modeladas por Fernando da Ponte e Sousa, reproduzindo tipos populares portugueses de forma expressiva e sintética. (Diana Urbano)

9. Rapto da Europa

c. 1954

27,5 x 28 x 17 cm

Museu da Cerâmica

MC 1894

Ferreira da Silva

Ferreira da Silva (Porto, 1928 – Caldas da Rainha, 2016) tem um extenso percurso multidisciplinar nas áreas da cerâmica, pintura, escultura, desenho, gravura e vitral. Na cerâmica, destaca-se o seu trabalho experimental em peças de escalas, formas e vidrados inovadores. Ferreira da Silva dirigiu o estúdio SECLA, nomeadamente a oficina familiarmente designada por o “curral”, onde trabalhou e privou com artistas e figuras de renome internacional. Em 1967, ganhou uma bolsa da Gulbenkian para Paris. Foi director artístico da Ceramex, esteve ligado à Molde e à constituição do Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, onde foi formador. (João Pires)

10. Garrafa / Bilha de rosca

1957-70

72 x 20 x 41 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2320

11. Serviço / Copos e cafeteiras

c. 1965

Dimensões múltiplas

CMCR

N345, N334, N346, N335

12. Pia baptismal

c. 1967

22 x ø 78 cm

CMCR

13. Pia

c. 1967

33,3 x ø 39,5 cm

CMCR

14. Pia

c. 1967

26 x ø 79 cm

CMCR

15. Pia Batismal

Década de 1960

36 x ø 37,5 cm

CMCR

16. Prato

1959-65

Ø 19 cm

Colecção António Cardoso

17. Taça / Fruteiro

1957-70

11,5 x Ø 24,5 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2333

Hansi Staël

Hansi Staël (1913 – 1961) nasceu em Budapeste, tendo-se formado na Kunstgewerbeschule antes de ingressar na Universidade de Viena, onde obteve o diploma de intérprete em Húngaro Alemão-Inglês. Em 1938, fixou-se na Suécia onde

realizou encomendas de desenhos para têxteis e joalheria para a empresa de decoração de interiores Svensk Tenn. Em 1946, mudou-se para Portugal, tendo logo exposto no SNI e frequentado o estúdio de João Fragoso, aí estabelecendo contacto com Alberto Pinto Ribeiro, sócio da SECLA, empresa para a qual viria a trabalhar nas Caldas da Rainha. Pouco tempo depois, passaria a directora artística do seu “estúdio”, inovando na produção e introduzindo novos desenhos. Graves motivos de saúde levaram-na a abandonar a SECLA em 1957 e a falecer em Londres quatro anos depois. (Miguel Caiado)

18. Fruteiro / Taça

1950-57

11,5 x Ø 21 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2290

19. Lavabo

1950-57

8,5 x Ø 19,5 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2279

20. Taça / Lavabo

1950-57

6,7 x Ø 16,5 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2280

21. Taça / Fruteira

1950-60

19,5 x 22 x 16 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2277

Herculano Elias

Nasce nas Caldas da Rainha, em 1932, no seio de uma família de ceramistas. Em 1943, frequenta as aulas noturnas do escultor Alberto Morais do Vale e de modelação com barro na Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro. Durante o dia é aprendiz do primo José Elias, modelador na Fábrica de Faianças Artísticas Rafael Bordalo Pinheiro. Em 1944, integra a equipa da fábrica Mestre Francisco Elias,

considerada o embrião da futura SECLA, na qual ingressa como aprendiz em 1946. Realiza a sua primeira exposição no Palácio Foz, Lisboa, e em 1949 é admitido no atelier do escultor João Fragoso na mesma cidade. Em 1950, termina o curso de modelador cerâmico na Escola Industrial e Comercial. Em 1954, integra novamente a equipa da SECLA, onde desempenhará diversas funções, criando nomeadamente o Gabinete de Desenho e Modelação para a execução de modelos para a cerâmica de exportação. (Francisco Almeida)

22. Malga

Década 1960

23,5 x Ø 24 cm

CMRC

MS 454

23. Taça

1970

17 x 12,5 x 19,5 cm

CMCR (Centro de Artes)

N387

Ian Hird

Ceramista, tirou o curso de arte do Edinburgh College of Art entre 1962 e 1967. Em 1966, veio para a SECLA para realizar peças únicas, que criou à roda e vidrou. No ano seguinte, regressou à fábrica para concluir o estágio. Criou com Elisabeth Hird, em 1970, o atelier The Kelso Pottery, em Roxburghshire, Escócia. (Ana Felício)

24. Jarra

1966-67

21 x Ø 22 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2329

José Aurélio

José Manuel Aurélio nasceu em Alcobaça, em 1938. Frequentou o curso de escultura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Expôs individualmente pela primeira vez em 1958, tendo realizado um grande número de exposições a partir dessa data. É autor de uma vasta produção de esculturas em espaço público, de medalhística e numismática. Trabalha materiais variados como pedra, madeira e bronze. Entre 1969 e 1974, concebeu e orientou a Galeria Ogiva, em Óbidos. Vive e trabalha em Alcobaça desde 1980, onde dirige o Armazém das Artes. (Miguel Caiado)

25. Touro

1960

32 x 13 x 22 cm

Museu José Malhoa

CER 622

26. Jarra

1964

38 x Ø 22 cm

Coleção particular do autor

27. Sol

1964

8 x Ø 36,7 cm

Coleção particular do autor

José Santa Bárbara

José Santa Bárbara nasce em Lisboa a 28 de outubro de 1936. Estuda cerâmica na Escola de Artes Decorativas António Arroio e escultura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Em 1960, torna-se professor do ensino técnico e secundário e dá início ao seu trabalho como ceramista, no âmbito do qual colabora, entre 1962 e 1964, com a fábrica SECLA, onde produz uma linha de protótipos de jarras, bases de candeeiro e caixas para produção corrente. Entre 1964 a 1966, trabalha também na fábrica de loiça de esmalte Águia, no Porto. Dedicar-se a múltiplas áreas e atividades, como o design gráfico, de equipamento urbano, interiores, mobiliário e industrial. (Francisco Pereira)

28. Garrafa / Base de candeeiro

1962-64

36,5 x Ø 9 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2366

29. Base de candeeiro

1962-64

32,5 x Ø 9 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2367

30. Base de candeeiro

1962-64

31,5 x Ø 9 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

N340

Júlio Pomar

Júlio Pomar (Lisboa, 1926 – Lisboa, 2018) estudou na Escola de Artes Decorativas António Arroio e nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto. Colaborou no jornal “A Tarde”, integrou a Juventude Comunista e depois o MUD juvenil, militância pela qual foi preso pela PIDE, em 1947. Foi precursor do neorrealismo pictórico e um dos protagonistas das Exposições Gerais de Artes Plásticas. A sua tendência pluridisciplinar e integrativa conduziu-o à exploração de diferentes técnicas artísticas para além da pintura, nomeadamente gravura, escultura, ilustração, tapeçaria e azulejos, mas também da escrita. Entre 1955 e 1957, produz cerâmica na fábrica SECLA. (Francisco Pereira)

31. Garrafa

1957

48 x Ø 15 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2355

Leonore Davis

Leonore Davis nasceu em 1939 nos Estados Unidos da América. Em 1965, inicia o seu estágio na SECLA e, na sequência, faz uma exposição na Galeria Diário de Notícias, em Lisboa, em 1966. (Andreia Coscurão)

32. Caixa

1965-66

20 x 18 x 12,5 cm

Depósito CMCR | Museu da Cerâmica

MC 2364

Maria Parâmos

Maria Antónia Parâmos nasceu em 1922 e faleceu em 1976. Fez o curso da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha. Ceramista e pintora, colaborou com a SECLA entre 1954 e 1955, realizando peças com uma pintura apostada em cores fortes. Foi pioneira na decoração com engobes. (Patrícia Cecílio)

33. Taça

1954- 1955

26 x Ø 26,5 cm

Museu da Cerâmica

MC 1593

Miria Câmara Leme

Fez o curso da Escola Central de Arte Industrial de Helsínquia, e os cursos de cerâmica da Central School of Arts and Crafts em Londres e da École des Arts et Métiers de Paris. Na SECLA, desenvolveu novas propostas formais, desenhando um serviço para crianças e um serviço de café e de chá. Em 1965, a produção de Miria Câmara Leme foi seleccionada para representar Portugal na exposição Internacional de Design Industrial. (João Varela)

34. Serviço de café

1960

Múltiplas peças-bule, leiteira, chávena, pires

Múltiplas dimensões

Museu da Cerâmica

MC 2358

Ficha técnica do projeto

ESAD.CR | LIDA | Molda

Investigação

João Serra

Conceito

Luísa Arroz Albuquerque

Lígia Afonso

Coordenação pedagógica do projeto

Lígia Afonso

com Marta Pereira

Produção e gestão institucional

Carla Cardoso

Lia Gomes

Liliana Gouveia

Adriana César

Organização, mediação, design, museografia, biografias

1º ano da licenciatura em Programação e Produção Cultural (Ana Felício, Ana Laura Costa, Andreia Coscurão, Diana Urbano, Francisco Almeida, Francisco Pereira, João Pires, João Varela, Miguel Caiado, Patrícia Cecílio, Sofia Duarte)

Município das Caldas da Rainha

Presidente

Fernando Tinta Ferreira

Vereador

Maria da Conceição Jardim Pereira

Diretor do Centro de Artes

José Antunes

Equipa técnica

Abílio Camacho

Rakel Inácio

Luís Hunchelday

As biografias dos artistas foram escritas a partir de informações provenientes de investigações já publicadas: “Estúdio SECLA. Uma renovação na cerâmica portuguesa”, Paulo Henriques e Helena Gonçalves Pinto, MNA, 1999; “A nova cerâmica caldense”, Alberto Pinto Ribeiro, 1989; “Decorativo apenas? Júlio Pomar e a integração das artes”, Catarina Rosendo, AMJP, 2016; Blog <http://ceramicamodernistaemp Portugal.blogspot.com/p/sobre-ceramica-modernista-em-portugal.html> de Rita Gomes Ferrão.

Agradecimentos

Carla Cardoso, José Antunes, Marta Lucas, Carlos Coutinho, António Cardoso, José Aurélio, Catarina Rosendo, João Palla.

Organização

Projeto CP25
Cerâmica, património e produto sustentável – do ensino à indústria
(CENTRO-01-0145-FEDER-23517)

Apoio FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional,
no âmbito do Programa Portugal 2020 - Programa Operacional
Regional do Centro



Apoios

